

RACHEL POULTON

# O LIVRO DA FILOSOFIA

Tradução de  
Cláudia Alves Guerreiro

alma  
dos  
livros

# ÍNDICE

Introdução .....	9
Filosofia Pré-Socrática .....	13
Os Três Grandes: Sócrates, Platão e Aristóteles .....	27
Filosofia Oriental .....	45
Filosofia Antiga .....	55
Filosofia Medieval e Renascentista.....	69
Filosofia Moderna .....	81
Filosofia Política .....	91
Filosofia do Século XX e Filosofia Pós-Moderna ....	115
Filosofia na Atualidade .....	137
Cinco Questões Filosóficas .....	141
Leitura Adicional.....	149

# Introdução

## O QUE É A FILOSOFIA?

Profira a palavra «filosofia» e a imagem que surge na mente da maioria das pessoas será, muito provavelmente, a de mestres cofiando longas barbas, enquanto refletem sobre questões sem resposta. É considerada, muitas vezes, uma disciplina elevada; um pouco formal e inacessível. Mas a filosofia é simplesmente uma busca da sabedoria e do conhecimento; *philosophia*, em grego antigo, significa literalmente «amor pela sabedoria». O objetivo da filosofia é questionar e explorar as grandes questões da vida, ajudando-nos a descobrir como devemos agir e como podemos experienciar uma vida boa. A investigação filosófica tem tudo que ver com querer *compreender* algo, em vez de apenas conhecer; é ativa – o leitor *faz* filosofia. E, num mundo de notícias e de «factos» falsos, embarcar numa busca da verdade não poderia ser mais relevante. Tomar parte na filosofia ensina-nos que deslizar passivamente pelas publicações das redes sociais e consumir informação de modo indiferente não constituem respostas. Deveríamos estar ocupados a fazer perguntas e a explorar plenamente as respostas: *aproveitando* a viagem tanto quanto o destino.

Os filósofos são pensadores dinâmicos. Fazem perguntas há milhares de anos e, através da argumentação e do raciocínio, pretendem chegar a conclusões que, esperamos, proporcionem maior compreensão e clareza. Perguntas como: «Qual é o sentido da vida?», «Quem sou eu?» ou «Serei livre?»

Considerando a dimensão deste tema, seria impossível cobrir todos os aspetos da filosofia neste livro, mas o seu objetivo é conduzir o leitor numa viagem célere no tempo e no pensamento, abordando os filósofos mais importantes e admiráveis e as suas ideias – ideias que moldaram o pensamento Ocidental nos últimos 2000 anos. Viajaremos até à Grécia Antiga, berço da Filosofia Ocidental, conheceremos um pouco da Filosofia Oriental e depois passaremos para os períodos Medieval e Renascentista. Uma exploração pela Filosofia Moderna irá conduzir-nos ao século xx, e a Filosofia Pós-Moderna concluirá a nossa viagem.

À primeira vista, a filosofia poderá parecer esmagadora: um mar imenso de investigação e conhecimento. É possível filosofar sobre qualquer coisa: educação, religião, ciência, linguagem, feminismo – a lista é extensa. Mas no momento em que estiver a concluir a leitura deste livro, deverá distinguir Metafísica de Epistemologia, Filosofia Política de Ética e Racionalismo de Empirismo. Deverá possuir também uma compreensão básica das principais escolas de filosofia e dos principais pensadores – um trampolim do qual poderá aprofundar o seu pensamento nas áreas que mais lhe interessam.

Acima de tudo, a minha esperança é que conclua este livro com uma recém-descoberta curiosidade e um particular amor pela sabedoria.

## FILOSOFIA PRÉ-SOCRÁTICA

Há milhares de anos que os filósofos procuram encontrar respostas racionais e razoáveis para as grandes questões da vida. Mas onde terá tudo começado? Para responder a esta pergunta, é preciso recuar mais de 2500 anos até ao século VI a. C., a um grupo de pensadores originais conhecidos como pré-socráticos (assim intitulados por surgirem antes do titã da filosofia – Sócrates).

Sócrates preocupar-se-á com a forma *como* devemos viver, mas antes de entrar em cena, os primeiros filósofos concentraram-se na natureza material das coisas: de que são feitos a Terra e o Espaço e qual é a natureza fundamental das coisas? Insatisfeitos com as explicações míticas e sobrenaturais da época, os pré-socráticos começaram por se focar no que sentiam e experienciavam ao seu redor. Foram os primeiros a procurar explicações racionais e lógicas do universo, em vez de confiarem nos ensinamentos metafóricos incorporados nos mitos e lendas que envolviam os deuses pagãos.

Observaram, por sua vez, que o mundo era orientado por regras – que era ordenado e lógico e que poderia ser estudado e compreendido. Cada um desses primeiros

pensadores filosóficos tinha ideias diferentes, mas os quatro elementos – água, ar, fogo e terra – constavam profundamente das suas teorias sobre a razão de ser das coisas.

**Tales** (624–546 a. C. – ver a página 16) foi considerado o primeiro filósofo; fazia parte da escola de pensamento de Mileto. Viviu no Mediterrâneo, cercado de água e, por conseguinte, a sua teoria de que a água era a base de tudo é compreensível. **Anaximandro** (610–546 a. C.), um discípulo de Tales, não conseguia perceber como algumas coisas – o fogo, por exemplo – podiam ser feitas de água. Observou os quatro elementos e constatou como eram instáveis e opostos uns aos outros – a água apaga o fogo, logo, como poderia qualquer um desses elementos físicos ser a base de todas as coisas? Em vez disso, sugeriu que o universo e tudo o que nele estava contido (o *kosmos*) passaram a existir quando separados do «ilimitado», ou *apeiron*. *Apeiron* não é uma substância; é algo misterioso, eterno e sem limites. Anaximandro acreditava que tudo havia sido criado do *apeiron* e, quando destruído, voltaria para lá.

O seu discípulo **Anaxímenes** (585-528 a. C.) discordou das teorias metafísicas de Anaximandro. Observou que o ar poderia ser transformado em várias substâncias – podia ser condensado para formar uma nuvem, ainda mais condensado para formar água, ainda mais condensado tornava-se terra e, na sua maior densidade, tornava-se pedra. Nas suas formas menos densas ou rarefeitas, o ar pode ser vento ou fogo. Concluiu, assim, que o ar era o elemento subjacente a todas as coisas.

Embora todas as três teorias pareçam muito estranhas, considerando o conhecimento científico dos nossos dias, a investigação filosófica e científica havia sido iniciada. Estes primeiros pensadores observavam tudo ao seu redor, desafiando a ideia de que o mundo e o *kosmos* tinham sido criados por deuses, e tentavam explicar a complexidade e variabilidade de tudo o que nos rodeia. Estavam já comprometidos com a investigação racional.



## TALES

624–546 a. C.

Tales de Mileto foi um grego rico e viajado que vivia na afluyente cidade de Mileto, na atual Turquia, nas margens do mar Mediterrâneo. É considerado o primeiro verdadeiro filósofo e, por conseguinte, o fundador da Filosofia Grega e Ocidental. Foi também homem de negócios, engenheiro, matemático, político e astrónomo. A investigação filosófica e matemática de Tales baseou-se na sabedoria do Egito e da Babilónia; acredita-se que terá viajado para o Egito, onde descobriu que era possível calcular a altura de uma pirâmide medindo o comprimento da sua sombra. Os seus teoremas geométricos basearam-se nas ideias dos Egípcios e dos Babilónios.

Tal como acontece com a maioria dos filósofos pré-socráticos, o pouco que sabemos acerca da sua vida e filosofia provém de relatos posteriores (muitos de Aristóteles), e é difícil precisar sobre a sua vida ou quais seriam exatamente as suas teorias, mas temos algumas ideias. Na sua obra *Metafísica*, Aristóteles afirma que Tales foi o primeiro a sugerir que toda a matéria tem origem num único elemento.

Tales acreditava que a água era a principal fonte de vida e observou como esta se poderia transformar em névoa, gelo, líquido e terra e, deste modo, a sua teoria preconizava que o princípio primeiro do mundo era a água. Acreditava que o mundo era um disco que flutuava na água e que fenómenos como terremotos poderiam ser

explicados de forma lógica como resultado de ondas que moviam a Terra. Embora incorreta, a teoria de Tales foi inovadora, pois marcou o início da investigação racional e desafiou o pensamento sobrenatural da época. Anteriormente, as pessoas recorriam aos deuses em busca de respostas, acreditando que a Terra havia sido criada por deuses inquietos ou irados e que provocavam os terremotos.

Como astrónomo, diz-se que Tales previu quando ocorreria o eclipse solar de 585 a. C., além de ter calculado quanto tempo durava um ano e quando aconteceria equinócios e solstícios. O seu fascínio pelas estrelas conduziu a um infeliz acidente que Esopo (um escravo e contador de histórias que viveu na Grécia Antiga por volta de 620-564 a. C.) contou numa fábula intitulada: «O Astrónomo que Caiu num Poço». Diz-se que uma noite, Tales estava tão ocupado a contemplar os céus que tropeçou, caindo num poço, sendo resgatado por uma anciã que terá observado que ele faria melhor se mantivesse os olhos nos assuntos terrenos, em vez de os dirigir aos mistérios dos céus. Que sorte para o mundo da filosofia e da ciência ele ter conseguido fazer ambas as coisas.

## PITÁGORAS

c. 570–495 a. C.

Um dos pré-socráticos mais conhecidos, Pitágoras acreditava que os números estavam no centro de todas as coisas. As suas ideias influenciaram Platão, Aristóteles e o esoterismo Ocidental. Muito do que sabemos sobre Pitágoras é, tal como acontece com a maioria dos pré-socráticos, aberto a conjeturas e construído em torno de mitos e lendas. Diz-se ter sido a encarnação do deus Apolo, que tinha uma coxa dourada e uma flecha mágica e, ainda, que conseguia estar em dois lugares em simultâneo. É compreensível a razão de Pitágoras ser uma verdadeira lenda!

Teorizou que os planetas e as estrelas se moviam de acordo com uma relação matemática harmoniosa e que produziam uma sinfonia inaudível conhecida como «harmonia das esferas». É também conhecido pela sua teoria da *metempsicose* – uma crença na transmigração da alma (quando o corpo morre, a alma sobrevive, passando para outro corpo, humano ou animal).

Pitágoras estabeleceu uma comuna de seguidores em Crotona, no sul de Itália. A vida na comunidade pitagórica concentrava-se em aperfeiçoar a alma, pronta para «a próxima vida», e foi construída com base nos princípios do ascetismo extremo (autodisciplina e negação do prazer, muitas vezes, por razões espirituais ou religiosas), igualdade, vegetarianismo (embora o feijão fosse interdito), amor pela música como ligação ao divino e dedicação ao desenvolvimento da psique.

## HERACLITO

c. 535–475 a. C.

Outro pré-socrático com ideias radicais, Heraclito acreditava que o fogo era o elemento fundamental. Defendia que era do fogo que tudo tinha origem e que o *kosmos* (um universo organizado) existia num contínuo estado de fluxo. De acordo com Heraclito, tudo se encontra em constante mudança e transformação, mas também interligado e sustentado por uma ordem oculta designada *Logos* (sendo o *Logos* a razão divina).

Heraclito é famoso pela sua escrita deliberadamente confusa (era bastante elitista e achava que apenas os eruditos deveriam ser capazes de compreender os seus ensinamentos); a sua obra *Acerca da Natureza* está repleta de jogos de palavras e paradoxos que dão espaço à interpretação. Observe esta notável afirmação: «Nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos», que ilustra a sua crença de que tudo muda ao nosso redor e que todas as coisas no mundo estão sempre em movimento, mas, surpreendentemente, sugere que, embora as coisas mudem, permanecem na mesma. Se considerarmos a metáfora do rio, podemos interpretar o seu ditado do seguinte modo: embora a água flua ao nosso redor e em contínua mudança, o rio permanece o mesmo; alguns fragmentos das coisas mudam, mas o todo permanece igual.

Heraclito também defendeu a unidade dos opostos: «O que está em desacordo concorda consigo mesmo».

É o equilíbrio de tensões opostas que traz harmonia, e é dessa tensão, ou conflito, que todas as coisas passam a existir. O quente torna-se frio, a guerra torna-se paz. Acreditava que tudo está em permanente mudança, que está sempre a «tornar-se», e que uma lei universal da justiça irá sempre equilibrar as coisas. Heraclito acreditava que para se viver bem, devemos tomar consciência da nossa unicidade e viver de acordo com o fluxo da natureza.

## PARMÉNIDES

c. 515–450s a. C.

Outro filósofo pré-socrático muito influente, Parménides discordou integralmente da teoria de Heraclito sobre o *kosmos* estar em constante fluxo, com tudo a mudar permanentemente. Argumentou que o mundo era «um ser», que era estático e imutável, e que a única coisa que existia era a própria realidade. Acreditava que a sua filosofia, que inscreveu num poema épico intitulado *Sobre a Natureza*, do qual sobreviveram apenas fragmentos, havia-lhe sido transmitida por uma deusa.

No poema, distinguiu entre duas visões da realidade – a percepção sensorial ou «A Via da Aparência» e a realidade racional ou «A Via da Verdade». Esclarecia que só podemos pensar ou falar de coisas que existem, algo *que é*, e tudo o que podemos dizer é *que existe*. Esta é a «Via da Verdade». Defendia que não podemos conceber

ou falar sobre *o que não é* e acreditava que é impossível que coisas que *não* são se tornem coisas que *são*, logo, as coisas não podem existir no passado ou no futuro, porque nem o passado nem o futuro existem realmente. No seguimento deste pensamento – de que não se pode conceber o que não existe –, concluiu que a única coisa que existe é *o que é* agora, um presente que é eterno e imutável.

É algo confuso e repleto de imprecisões, mas o que é realmente significativo é Parménides usar a lógica e a linguagem para apresentar a sua teoria do ser. Recorre ao raciocínio mais do que à experiência sensorial para expressar o que é a realidade.

Na segunda parte de *Sobre a Natureza*, Parménides considerou «A Via da Aparência». Explica que qualquer movimento ou mudança que observamos se deve simplesmente à percepção e é obtido através dos sentidos, que não são confiáveis.

A teoria do «tornar-se» de Heraclito e a teoria do «ser» de Parménides, embora apresentem falhas e sejam algo confusas, marcam os primórdios do pensamento metafísico, e ambos os filósofos são conhecidos como os fundadores da **Ontologia** (o ramo da Metafísica que se concentra no ser, na existência, e na realidade). Parménides abordava o problema filosófico da realidade *versus* percepção e discutia o conceito de ser – o que existe e o que não existe. Teve uma forte influência em Platão (e, por conseguinte, na Filosofia Ocidental) – que até escreveu um diálogo, «Parménides», em sua homenagem.

Como vimos, o pensamento e a investigação filosófica estavam a desenvolver-se; a tentativa pré-socrática de entender a natureza material do universo levou a teorias metafísicas sobre *o que é* a realidade e *como* devemos perceber o universo.

## ATOMISMO

O Atomismo teve origem no século v a. C. com dois filósofos: Leucipo de Mileto (datas desconhecidas) e Demócrito (c. 460-c. 370 a. C.). A ideia principal do Atomismo é que o universo e tudo o que nele existe compreende duas coisas: átomos e vazio. A palavra «átomo» vem do grego *atomon*, que significa «algo que não pode ser cortado» ou «indivisível»; um átomo é a menor parte impenetrável de qualquer elemento químico. Ao contrário da nossa atual definição de átomo, os átomos nesta teoria são todos de formas e tamanhos diferentes e ricocheteiam ao redor de um vazio.

De acordo com o Atomismo, todas as coisas existentes surgem quando os átomos colidem e se combinam dentro do vazio. Os diferentes objetos que vemos e percebemos são determinados pelo tipo de átomos que compõem cada objeto e pela maneira como esses átomos de formas diferentes se movem e se juntam. O Atomismo tentou conciliar a teoria do fluxo em constante mudança de Heraclito com as ideias de Parmênides de que tudo é eterno e estático, de que não há mudança material e de que toda a mudança é mera ilusão.

Os atomistas adotam uma visão do mundo decididamente materialista e determinista (a ideia filosófica de que os acontecimentos e escolhas são determinados por causas anteriores); tudo no universo é feito de átomos e existe como resultado de rigorosas leis físicas causais.